



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!

ECETISTAS

Boletim Sindical do Partido
Operário Revolucionário

Novembro, 2022

Construir os comitês de luta, erguer nosso programa de reivindicações, apoiar-se nos métodos de luta próprios dos trabalhadores

Devemos confiar em nossas próprias forças

Como afirmamos nos últimos boletins, as direções sindicais abandonaram as lutas e as mobilizações para fazer campanha eleitoral. Os nossos sindicatos e as duas Federações de ecetistas foram colocadas a serviço da eleição de mais um governo burguês. Com a vitória de Lula, muitas ilusões foram levantadas. O boletim Nossa Classe mostrou que qualquer novo governo será de ataque geral às condições de vida das massas, porque a crise econômica do capitalismo atinge fortemente o país e o mundo. As tendências recessivas, de alta inflacionária, de aumento do subemprego, de destruição de direitos não serão contidas pela eleição do governo Lula. Nossa tarefa é organizar nossa classe, apoiando-se nos métodos próprios dos trabalhadores (assembleias, atos, passeatas, comitês, greves, etc.) para conquistar nossas reivindicações, ligadas à defesa dos salários, dos empregos e dos direitos, e contra as privatizações. É preciso confiar em nossas próprias forças, na força dos movimentos sindical, social e popular para garantir a independência de classe de nossos sindicatos e organismos de luta. Não temos que esperar que o novo governo atenda nossas reivindicações, temos que nos organizar e exigi-las desde agora.

Inflação volta a subir depois da contenção artificial do governo

As eleições realizam “milagres”. Durante três meses, o governo segurou a inflação dos preços das mercadorias, por meio de medidas artificiais, como o corte do ICMS. Foram bilhões utilizados para que o atual governo conseguisse mostrar um cenário favorável para os explorados. Por três meses, a inflação recuou. Agora, em novembro, vemos o índice de inflação novamente subir 0,59% (IPCA, medido pelo IBGE).

Isso comprova que as tendências inflacionárias são maiores que a política econômica do governo, isto porque tais tendências vem da economia mundial capitalista: no mundo inteiro, há uma alta inflacionária combinada com recessão. Isto é, mesmo sem alta no consumo, na compra de mercadorias, os preços estão

subindo. Os governos, não importa sua “visão” ideológica, de esquerda ou de direita, atendem aos interesses do grande capital e não podem se impor sobre estes interesses. O governo Bolsonaro por três meses buscou, artificialmente, conter a inflação. Passadas as eleições, libera os preços, inclusive, permitindo o retorno ao aumento dos combustíveis, que beneficiam diretamente os acionistas nacionais e internacionais de Petrobras, enquanto prejudica o conjunto dos trabalhadores do país.

A luta contra a inflação não pode partir da disputa entre frações da burguesia, deve partir de nossas necessidades, de reajuste automático dos salários. Assim, ganha concretude a bandeira de **“Escala móvel de reajuste”**. Ou seja, defendemos que os salários são reajustes de acordo com a inflação, regularmente e não apenas após um ano. Vemos, por exemplo, que o último reajuste que os ecetistas receberam já está sendo carcomido pela inflação.

Esta bandeira só pode ser posta em prática se há mobilização constante, com os comitês de luta, as assembleias regulares, com a pressão sobre a ECT e o governo. Uma campanha que é realizada apenas em um mês e sem mobilização já está limitada de início. Temos que exigir organizar e mobilização permanentes.

Desemprego “oficial” cai porque subemprego aumenta

Segundo a PNAC continua, o índice oficial de desemprego recuou para 8,7% no terceiro trimestre deste ano (estava em 9,3% no trimestre anterior). Cerca de 99,3 milhões de pessoas estavam ocupadas no final de setembro deste ano, 1 milhão a mais do que no período anterior.

Estes dados que parecem positivos escondem uma realidade: aumento do subemprego no país, milhões e milhões que foram jogados no desemprego, nos últimos anos, só conseguem voltar ao mercado de trabalho sem a carteira assinada, sem os poucos direitos trabalhistas ainda existentes, sem qualquer garantia de estabilidade.

O número de trabalhadores do setor privado sem carteira assinada chegou a 13,2 milhões, com um aumento de 1,5 milhões no último período (trimestre). O

que significa, na prática, que a queda de 0,6% no desemprego esteve ligada diretamente à precarização do trabalho, à maior exploração da força de trabalho.

Além dos trabalhadores, do setor privado, sem carteira de trabalho assinada, há uma massa ainda maior de trabalhadores informais (ambulantes, comerciantes de rua, etc.) que já soma 39,1 milhões de trabalhadores. Estes sequer contam com um salário fixo no final do mês e são os primeiros a sofrer com a queda no consumo direto, como vimos no período de maior agravamento da pandemia da Covid19.

A defesa da **“Escala móvel das horas de trabalho”**, isto é, divisão de todas as horas de trabalho entre todos os aptos é a bandeira que responde ao desemprego, ao subemprego e que deve ser levantada por todos os trabalhadores, seja do setor público ou privado, pois ela pode garantir emprego a todos. Ela deve estar combinada com a bandeira de **“redução da jornada, sem redução dos salários”**, que foi abandonada pelas Centrais e sindicatos, mas que é uma bandeira que também se opõe ao desemprego e superexploração da força de trabalho.

Manter a campanha contra as privatizações

O fato de Lula ter vencido as eleições não garante que a política privatista esteja derrotada. Como mostramos em várias edições de nosso Boletim, esta é uma política que percorre diferentes governos, da direita e da esquerda. Mesmo que a Empresa dos Correios não seja toda privatizada, há formas de privatização que devem também ser combatidas, a exemplo do que os governos do PT fizeram com a Petrobrás ou o Banco do Brasil: a venda de ações para o capital nacional e internacional.

Lutar contra a política privatista é erguer um movimento nacional em defesa de todas as estatais e pela reestatização, sob controle operário, das empresas já privatizadas. É a defesa da soberania nacional que se choca com a política pró-imperialista dos governos. É preciso erguer uma **“Campanha nacional contra as privatizações”** e uma **“frente anti-imperialista”** contra a política privatista.

Pela independência de classe dos ecetistas e de todos os trabalhadores

Nosso calendário de luta e de mobilização não deve ser definido pelas disputas burguesas. O que apontamos acima revela que os problemas do desemprego, da carestia de vida, da inflação, das políticas antinacionais e antipopulares não encerram quando uma eleição termina.

As massas trabalhadores do país enfrentam no dia a dia todo o tipo de dificuldades. Erguer um

programa próprio de reivindicações é o ponto de partida para manter a mobilização permanente e assim ter uma luta consequente em defesa dos empregos, dos salários, dos direitos e contra as privatizações.

Lutemos por nossas reivindicações, com nossos métodos de luta e por um governo operário e camponês, que é a estratégia própria da classe operária e de todos os oprimidos e explorados:

- 1) *por um salário mínimo vital, que cubra todas as necessidades da família trabalhadora.*
- 2) *por um aumento geral dos salários para repor as perdas inflacionárias e a alta do custo de vida;*
- 3) *por emprego a todos com carteira assinada, a ser alcançada por meio da redução da jornada de trabalho, sem reduzir os salários (escala móvel das horas de trabalho);*
- 4) *pela estatização sem indenização das fábricas fechadas e controle operário da produção;*
- 5) *pela efetivação de todos os terceirizados, com mesmos direitos e salários;*
- 6) *por uma frente anti-imperialista contra a política de privatizações e das contrarreformas, aplicadas por todos os governos burgueses.*

Pelo fim da guerra na ucrânia

Já são oito meses de guerra. Os Estados Unidos e as demais potências imperialistas têm interesse em prolongar a guerra. Quem sofre diretamente com a guerra são os trabalhadores ucranianos. Mas as consequências da guerra recaem sobre os explorados do mundo inteiro. Eis por que é preciso que os sindicatos e demais organizações dos trabalhadores lutem pelo fim da guerra.

O Boletim **Nossa Classe** vem fazendo a campanha pelo fim da guerra; desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos; fim das sanções econômicas à Rússia; autodeterminação, integralidade e retirada das tropas russas da Ucrânia. Somente a classe operária lutando por essas bandeiras poderá impor uma paz sem os ditames dos Estados Unidos, da União Europeia e da OTAN, por uma paz sem anexações.

Que as centrais e sindicatos rompam com a política de conciliação de classes

Que se coloquem imediatamente por organizar a luta

Em defesa dos empregos e salários

 **POR** | PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO

Entre em contato para contribuir na elaboração do boletim e na organização da luta:

nossaclasseecetista@gmail.com

Acesse os boletins anteriores:
<http://www.pormassas.org/nossa-classe/>